

DA ESTAÇÃO EXPERIMENTAL AO IF BAIANO: A CRIAÇÃO DE UM MUSEU NO CAMPUS DE URUÇUCA

Gabriela Souza Silva

Instituto Federal Baiano-IFBaiano
gabih.souza417@gmail.com

Kemelly dos Santos Damazio

Instituto Federal Baiano-IFBaiano
millydamazio@gmail.com

José Ricardo Rosa dos Santos

Instituto Federal Baiano-IFBaiano
ricardorosaiibaiano@gmail.com

Resumo: Este trabalho tem como objetivo, apresentar condições para a criação de um museu com possibilidades turísticas, que possibilite aos visitantes, conhecer a história e usufruir de outros atrativos inerentes ao If Baiano *Campus* Uruçuca. Para tanto, serão trabalhados autores como, Camargo (2002); Castilho Júnior (2017); Costa (2006); Prado (2015). Trata-se de uma revisão de literatura, dentro de uma abordagem qualitativa e de análise de livros, documentos e artigos científicos, além da pesquisa eletrônica e observação de patrimônio institucional. Espera-se com esta pesquisa, apresentar rudimentos para a constituição de um museu com cunho histórico e turístico no IF Baiano campus de Uruçuca.

Palavras-chave: Bairro pobre. Periferia. Políticas educacionais

Introdução

A relação entre turismo e museus destaca-se como uma possibilidade crescente de investimentos em pesquisas e consequente aplicação na realidade econômica local. Apesar de para muitos não se apresentarem, na prática, com ligação mútua e ativa, alguns estudiosos da área destacam que esta situação está prestes a mudar, podendo evidenciar uma maior procura onde grande parte da população poderá ter acesso e desfrutar de todos os benefícios de um museu como potencialidade turística.

O atual IF Baiano *Campus* Uruçuca está situado na localidade onde foi a primeira Estação Experimental de Cacau no mundo, posteriormente a Escola de Capatazes, e em seguida uma

grande escola com fins voltados ao campo, chamada Escola Média de Agricultura da Região Cacaueira (Emarc), sendo criada pela Comissão Executiva do Plano da Lavoura Cacaueira (Ceplac). O Instituto possui histórias que tanto a comunidade interna, quanto a externa podem conhecer. A criação de um museu poderá dar maior visibilidade e compreensão da parte histórica da instituição, além de possibilitar a vinda de visitantes acarretando na criação de uma política de turismo para o *campus*.

Para Vasconcellos (2006) os turistas têm buscado conhecer novos modelos de turismo, além do tão conhecido “praia, sol e floresta”, e vem aumentando o índice dos que visitam museus em todo o mundo, principalmente na Europa, Estados Unidos e México. Ainda não se percebe essa busca de maneira mais evidente no Brasil, e os museus brasileiros ainda se apresentam tímidos em relação ao turismo, com algumas estratégias para aumentar os números de turistas. Diante disso, como o IF Baiano campus Uruçuca poderia criar um museu com potencial de atrativo turístico? Com base nesta problemática, busca-se responder, quais os acervos necessários para a criação de um museu em uma instituição de ensino; de que maneira um museu poderia atrair visitantes para o *Campus* Uruçuca e qual o potencial turístico do IF Baiano *Campus* Uruçuca.

O objeto do trabalho é estudar mecanismos para criação de um museu com a finalidade de potencializar o turismo, através de ações que possibilitem aos visitantes, conhecer a história e usufruir de outros atrativos inerentes ao If Baiano *Campus* Uruçuca. Para isso, busca-se: propor a criação de um museu no If Baiano *Campus* Uruçuca; pesquisar o acervo necessário para criação de um museu; estimular um maior conhecimento histórico do *Campus* Uruçuca e incentivar a criação de uma cultura de visitação ao *Campus*.

Justifica-se a escolha desse tema pelo fato de que estudar a história da Instituição é importante, uma vez que a mesma poderá se tornar um ponto turístico, o que por consequência implicará no aumento do número de visitantes em Uruçuca e sucessivamente na melhoria da economia da cidade. O mesmo poderá ajudar a promover estudos e projetos, pois os moradores locais e outros desfrutarão de um ambiente específico voltado para essa área da história do *Campus*. Poderá unir as comunidades, tanto interna quanto externa, uma vez que há importância

para ambas no sentido de estimular um maior conhecimento da história da Instituição e poderá atrair discentes.

Museus e turismo

O museu é um lugar onde permanecem registrados acontecimentos históricos de diversos segmentos. Quando se fala em museu, já se remete a ligação com a memória e cultura, pois no seu próprio nascimento já estavam ligados. Segundo Castilho Junior (2017, p.2) de tal modo foi o surgimento do museu:

De acordo com a mitologia e a história da Grécia Antiga, da união de Zeus (deus supremo) com Mnemósine (deusa da memória) nasceram nove musas, cuja missão era proteger as artes. As musas possuíam criatividade e grande memória, tinham seus próprios templos, os Templos das Musas ou mouseion e neles eram feitas as reuniões culturais, onde as diversas modalidades das artes, como danças, poesias e narrações, eram ensinadas e preservadas.

Segundo o Conselho Internacional de Museus(Icom), o museu é definido como “toda instituição permanente, sem fins lucrativos, aberta ao público, que adquire, conserva, pesquisa e expõe coleções de objetos de caráter cultural ou científico para fins de estudo, educação e entretenimento” (ICOM *apud* COSTA, 2016, p. 8).

A humanidade sempre guardou e colecionou artefatos, devido a importância que ele tinha, onde podia ser tanto sentimental como financeiro. A memória cultural colocada sobre objetos de diferentes períodos é a chave para entender o modo de vida de pessoas em épocas passadas, e para entender o presente, e atualmente muitas pessoas estão em busca desse conhecimento.

No decorrer da história da humanidade muitas coleções foram surgindo, e uma das instituições mais importantes que ajudaram na criação de acervos dos maiores museus existentes foi a igreja Católica. Ela recebia muitos objetos de valores dos cristãos como forma de arrependimento dos pecados cometidos.

À medida que os grandes reinados financiavam muitas artes da época, eles permaneciam com as produções. Assim surgiram os “Gabinetes de Curiosidades”, locais onde ficavam várias dessas artes e objetos. Mas a visitação era restrita, somente sob autorização dos proprietários. Nos maiores museus que temos hoje em dia, está grande parte dessas produções, que são bem

visitadas, pois são os mais antigos e talvez os mais bem “equipados” museus com esses artefatos. (IBM, 2014)

Surgindo para a atualidade, os museus brasileiros estão com a proposta de incrementar o turismo transformando-o em um equipamento mais atrativo para um maior número de pessoas. De acordo com Vasconcellos (2006) atualmente os museus brasileiros estão voltando, ainda que timidamente, sua atenção também para os turistas, sejam eles nacionais e internacionais, com estratégias de ações voltadas para a conquista do segmento turístico tão importante e que poderá se tornar muito atraente para o público.

IBM (2014, p.13) diz “que para se consolidarem como atrações de lazer e cultura para a população, os museus têm discutido e aprimorado os indicativos para um bom acolhimento”. Os museus brasileiros estão investindo em hospitalidade, Informação adequada, serviços confortáveis e de qualidade, acessibilidade, segurança para o público, funcionários e o acervo para uma conquista de maiores visitas. (IBM, 2014)

Dessa maneira, o que esses museus consideram muito eficaz para uma maior infraestrutura é o investimento em: **Hospitalidade**: pois todos querem estar em um local onde se é bem acolhido e atendido; **Informação adequada**: o museu é um local onde a população vai com o intuito de conhecer a história de determinadas culturas, para isso é fundamental o acesso as informações corretas; **Serviços confortáveis e de qualidade**: com investimento em conforto e qualidade, os museus atraem mais pessoas, pois as mesmas podem indicar para outras, sendo essa uma maneira de divulgação muito eficiente; **Acessibilidade**: é um dos pontos mais importantes, pois muitas pessoas com necessidades específicas deixam de ir para determinados lugares pela falta da acessibilidade ao local e de locomoção nele; e, **Segurança para o público, funcionários e o acervo**: aspecto atraente, pois só o fato de saber que o local onde se está é seguro, ganha-se muitos pontos na avaliação final.

Visto que os museus abrem caminhos de informação para cultura de uma determinada localidade tem-se percebido que a interação entre museus e turismo está em alta, pois os turistas estão utilizando cada vez mais deste recurso para se aprofundarem na história de um determinado lugar. Segundo Castilho Junior, (2017, p.7) “[...] por menor ou mais simples que seja um destino, quase sempre haverá um museu”.

De acordo com Castilho Junior (2017) a atividade turística é uma potência econômica mundial que cresce a cada ano, mas um número muito grande de turistas que viajam pelo Brasil buscam somente pelo turismo de sol, praia e floresta, o que acaba sendo uma imagem incorreta de que os atrativos e atrações turísticas brasileiras somente fazem parte dessas categorias. Portanto, é fundamental uma maior visibilidade dos museus brasileiros como elemento da atividade turística, para isso é necessário investimento público e privado e uma maior divulgação pelo Ministério do Turismo.

Quando as agências de viagem forem programar os roteiros turísticos, seria fundamental inserir os museus aos lugares a serem visitados. Algumas agências já incluem nos seus pacotes essas visitas, porém, ainda é um número baixo. Castilho Junior (2017, p.5) diz que no “Brasil, famoso por suas praias e natureza, ainda há um número reduzido de empresas do *trade* que incluem em seus pacotes turísticos a visita aos museus” essa é uma realidade que precisa ser modificada.

Para o turista, não basta apenas está em um local por estar, ele quer desfrutar de tudo o que a viagem pode lhe proporcionar, inclusive adquirir um conhecimento daquele lugar, mesmo que as vezes mínimo. E os museus são procurados para quem tem vontade de aprender rapidamente a história e cultura do destino escolhido.

Além disso, museus são procurados tanto por visitantes locais, como por turistas que querem descobrir o que aquele local oferece. A Europa é um continente que recebe anualmente muitos visitantes em seus museus, que inclusive são os mais antigos e conhecidos do mundo. A visita a pelo menos um museu europeu é praticamente parada obrigatória para os turistas.

Todo visitante de um museu, a cada nova visita deseja uma experiência nova, espera ser surpreendido para que ele possa pretender voltar outras vezes, e para que isso aconteça é fundamental a presença de profissionais bem qualificados e uma boa estrutura administrativa para sempre estarem inovando e conquistando diferentes públicos.

Outro fator que é de grande importância é a relação entre os patrimônios histórico-culturais e o turismo. Muitos museus são instalados principalmente em prédios que fazem parte de vários acontecimentos históricos. É muito natural tornar a casa onde viveu um grande personagem histórico em museu para mostrar seus objetos pessoais, o que realizam em cada lugar, onde

gostavam de ficar na casa e outros. Neste contexto, os museus se encaixam perfeitamente como patrimônio histórico e cultural

Infelizmente alguns autores ainda dizem que a cultura e o turismo fazem parte de mundos distintos, simplesmente porque os museus são patrimônios histórico culturais, e o turismo uma atividade de iniciativa privada. Mas felizmente eles estão totalmente ligados, pois enquanto um cuida da conservação, o outro busca dinamizar através de comunidades receptoras (Castilho Junior, 2017). Beni diz que atrativos histórico-culturais:

São manifestações sustentadas por elementos materiais que se apresentam sob forma de bens imóveis ou móveis. Para os bens imóveis deverão ser considerados apenas aqueles ditos fixos, entendendo-se por bens móveis fixos aqueles pertencentes ou não a coleções ou acervos, que estejam em exposições permanentes no mesmo local. (BENI 2003, p.308 *apud* CASTILHO JUNIOR, 2017 p, 4)

Trazendo para a realidade do Campus, o modelo de museu que mais se adequa é o ecomuseu.

O ecomuseu é uma instituição que administra, estuda, explora, com fins científicos, educativos e, em geral, culturais, o patrimônio global de uma determinada comunidade, compreendendo a totalidade do ambiente natural e cultural dessa comunidade. Por essa razão, o ecomuseu é um instrumento de participação popular no planejamento do território e no desenvolvimento comunitário. (BOHAN, 1976 *apud* VASCONCELLOS 2006, p. 25)

Conforme Vasconcellos (2006, p.25) “os ecomuseus nascem, portanto, da participação da comunidade, que deve ser a entidade mais representativa na defesa de seus interesses e de seu patrimônio global”. Este é um modelo mais seguido por bairros que possuem museus, onde a comunidade local está inserida nele. Instituições de ensino podem se apropriar desse segmento de museus.

Contexto histórico da instituição

A princípio, a Estação Experimental foi instalada nas imediações próximas ao município de Ilhéus, mas o solo não era adequado para o plantio e desenvolvimento do cacau, impossibilitando as práticas de pesquisas, que eram o foco da Estação Experimental. Conforme Prado e Araújo (2015, p.25) citam,

Criada pelo Decreto nº 11.878, de 12 de janeiro de 1916, foi instalada na fazenda Diamantina, antiga Carolina, no vale do Almada, município de Ilhéus, em terras doadas pelo Estado da Bahia à Estação Geral de Experimentação da Bahia, pertencente ao Ministério da Agricultura. Os solos da fazenda Diamantina não eram adequados à cultura do cacau, impossibilitando o desenvolvimento das pesquisas.

Devido a esses problemas a Estação Experimental foi instalada no povoado de Água Preta (atual município de Uruçuca). Além disso, um dos atrativos importantes que essa terra oferecia era que a mesma já possuía vários pés de cacau, onde eram produzidas quantidades significativas de arrobas por ano, sendo de grande valor econômico também. Então, na área da Estação no ano de 1924, foram realizadas todas as construções necessárias para dar início aos estudos e pesquisas.

A inauguração da Estação Experimental teve grande importância pois contou com as célebres presenças do presidente da República e do então Governador do estado da Bahia Góes Calmon que resultou nos seguintes pronunciamentos que estão presentes em uma placa na parede: “O Governo da República pelo seu Ministério de Agricultura, indústria e Comércio, no ano de 1925, mandou construir, em terras oferecidos pelo Estado da Bahia e em parte com o auxílio financeiro deste, esta Estação Geral de Experimentação, inaugurada em Agosto de 1926, com a presença do Dr. Washington Luiz, presidente eleito da república, e do Dr. Governador do Estado”. Essa placa ainda permanece no mesmo lugar, sendo que a construção atualmente é utilizada para ministrar aulas ao Curso de Agroecologia.

A Estação não funcionou por muito tempo. Seu funcionamento foi suspenso em 10 de abril de 1931. Não se tem relatos de pesquisas e estudos desse período, mas, o que se tem registrado é que havia uma estação meteorológica, que funcionava ativamente, até que o seu uso foi encerrado. Devido ao Decreto nº 20.958, a Estação saiu de posse Federal para fazer parte do Governo Estadual. Assim, agora ela passa a ser coordenada pelo Instituto de Cacau da Bahia (ICB) que tinha como finalidade socorrer as lavouras de cacau das crises econômicas.

Com a transferência para o ICB, a Estação passou a ser coordenada por Gregório Bondar, e uma equipe de ótimos pesquisadores. Eles desenvolveram muitos estudos e práticas com o plantio, controle de pragas e doenças, adubação, beneficiamento do cacau e produção e a distribuição de sementes. Além disso, eles implantaram fruteiras e especiarias de vários continentes. A Estação

Meteorológica voltou a funcionar em 1934 e até hoje em dia é utilizada para registrar os dados climáticos como dizem (PRADO; ARAUJO, 2015).

Mas após a saída de Gregório Bondar, toda a estrutura de pesquisas e estudos foram se atenuando, até porquê o ICB começou a enfrentar vários problemas financeiros, tornando a demanda de pesquisas pequenas e começando uma crise econômica na Estação. Algumas medidas foram tomadas para não admitir que a Estação fosse levada ao encerramento. Uma delas foi a Lei nº 161 que a reestruturou e mudou o seu nome, passando a ser denominada Estação Central de Experimentação do Cacau (ECEC).

Entretanto, essas mudanças não foram suficientes para dizimar os problemas financeiros, pois a região do cacau estava passando por uma enorme seca, o que impediu os avanços no desenvolvimento de uma economia estável.

Em 1962 a CEPLAC, através de convênio com o IBC, assumiu o controle da Estação. Logo a seguir realizou o levantamento de solos e de fertilidade da região e o trabalho de melhoramento genético do cacauero, em convênio com o Ministério da Agricultura, aproveitando o potencial dos cacaueros existentes na Estação, notadamente do cacau Criollo e do Catongo. (PRADO; ARAÚJO, 2015, p.33)

Então em 1957, foi elaborada a Escola de Capatazes (Figura 2), que tinha por objetivo capacitar em um período rápido (15 a 30 dias) os capatazes das fazendas regionais no cultivo do cacau, esses alunos tinham toda a estrutura que necessitavam para se manterem na instituição, tais como refeitório e alojamento. Esse feito só foi possível graças à parceria entre o ICB com o Escritório Técnico de Agricultura dos Estados Unidos (ETA), e o Instituto Interamericano de Cooperação para a Agricultura da OEA (PRADO; ARAÚJO, 2015)

Poucos anos depois de ser inaugurada, a escola se viu passando por muitas dificuldades financeiras, principalmente depois que o convênio que ela possuía com o ETA foi extinto. A Escola de Capatazes ficou sem recursos financeiros o que deixou a escola em declínio e a levou ao fechamento.

A inspiração para o nascimento da Emarc veio depois que uma viagem a Costa Rica (Turrialba) foi realizada pelo Dr. Paulo de Tarso Alvim e José Haroldo Castro Vieira. Depois de presenciarem o modelo da Escola Agrícola de Zamorano, eles tiveram a certeza que seria de

grande valia a implantação de uma escola desse porte na região e como o espaço onde funcionava a Escola de Capatazes já não funcionava, seria opção para sedear essa escola.

Conforme Prado e Araújo (2015) devido a criação do Centro de Pesquisa do Cacau (CEPEC) e do Departamento de Crédito e Extensão Rural (DECEX), pela CEPLAC, começaram as negociações que resultariam nas instalações da EMARC. Os preparativos para a sua construção aconteceram em 1964, e o intuito era ajudar vários moradores da região a ampliar sua área acadêmica e obter um emprego.

Sua inauguração em 1965, obteve grande êxito, pois contou com muitos alunos matriculados, constituindo vagas no curso Colégio Agrícola, curso de Prático Agrícola e o curso Administrador de Fazendas. Sendo um bom número de matriculados para um início, e cada sala ficou lotada. Segundo Prado e Araújo (2015, p.46):

Desde o início a Escola proporcionava uma assistência integral aos alunos, fornecendo alojamento, refeitório, orientação educacional e assistência esportiva, médica e odontológica. Além disso, antes de concluir o curso os alunos realizavam um estágio supervisionado na CEPLAC.

A Emarc, profissionalizou e formou vários moradores da região, o que acarretou em um desenvolvimento econômico regional, ampliou o conhecimento acadêmico e diminuiu o êxodo da regional.

Durante 1972, houve uma reformulação da Emarc para atender o que era exigido pelo programa PROCACAU e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Lei 5.692/71). O curso Colégio Agrícola que durava 3 anos, agora passa a ter duração de 2 anos, e a ser chamado de Agropecuária. Assim, os alunos poderiam fazer o 1º ano do segundo grau onde tinham preferência, e iam para Emarc executar as matérias profissionais (PRADO; ARAÚJO, 2015)

A década de 1970 foi um período de saltos para a Emarc, pois uma grande inovação aconteceu, o curso de Agrimensura e o de Alimentos foram adicionados aos cursos oferecidos, e até hoje em dia são bem procurados.

Segundo Prado e Araújo (2015) em todo o Nordeste, somente na Emarc existia os cursos de Técnico em Agrimensura e em Alimentos. No início esses técnicos iam trabalhar na CEPLAC e

em empresas da região, mas em seguida, houve uma migração para vários estados brasileiros, principalmente os do Nordeste.

A Emarc formou um número razoável de técnicos no período de 1972-1979, aumentou a quantidade de vagas para o curso de Agropecuária e incluiu os cursos técnicos de Agrimensura e Alimentos.

As novidades não paravam por aí, na década seguinte passou-se a ser ofertado mais um curso técnico, que era em Economia Doméstica, que visava uma maior qualidade de vida da população rural. Além disso, o curso de Alimentos que era sediado na sede da CEPLAC regional passou a ser ministrado em Uruçuca.

Assim, o índice de ingressos na Emarc aumentou consideravelmente. Era alternada a formação de técnicos em Alimentos e Economia Doméstica, ou seja, no ano que se ofereciam vagas para Alimentos, não era ofertado para Economia Doméstica, assim em um ano havia a formação de Técnicos em Alimentos e em outro, em Técnicos de Economia Doméstica (PRADO; ARAÚJO 2015)

A Emarc oferecia um evento que era de grande integração da comunidade interna com a externa, era denominada de Semana do Fazendeiro, era um evento que acontecia em sua maioria de forma anual, sendo promovida pela Ceplac. Esse evento de início não possuía características próprias, pois foi inspirado em uma Universidade Rural. Porém com o tempo foi sendo reestruturado e ganhando suas características. Nas primeiras realizações deste evento, compareceram um número pequeno de fazendeiros, mas no decorrer das Semanas, este evento só crescia e era muito aguardado.

Segundo Prado e Araújo (2015) eram proporcionadas palestras feitas por autoridades do governo da Bahia e Federal, cursos eram oferecidos, inclusive, havia uma programação especial para as mulheres dos fazendeiros. Havia exposições, estandes, shows e concursos para entretenimento dos participantes, eram oferecidos alojamentos e refeitório para quase todos que estavam participando. Nas últimas edições da Semana do Fazendeiro foram realizadas Feiras de Agricultura Familiar, onde as famílias puderam apresentar seus produtos ao público. Vale enfatizar que nas últimas edições, compareceram acima de 3.000 pessoas para participarem desse evento. Esse acontecimento proporcionou vários conhecimentos para quem participava, e era

muito esperado pelos visitantes, e a comunidade emarquiense e uruçucense. Abaixo temos os anos e a quantidade de participantes de cada edição.

Além da Semana do Fazendeiro como integração com a comunidade externa, Prado e Araújo (2015) diz que a Emarc também realizou outros feitos como: **Instalação de Hortas Urbana:** Esse trabalho era realizado com o apoio das prefeituras, centros sociais e outros. E beneficiava muitas famílias que moravam nos bairros periféricos; **Assistência às Escolas Primárias do Meio Rural:** Eram realizadas criações de animais domésticos como aves, coelhos e outros. Além de fornecimento de material didático, plantações de hortas, cursos para os professores; **Elaboração e execução de Projetos de paisagismo:** Com o auxílio das prefeituras; **Capacitação de trabalhadores:** A intenção era construir obras utilizando a alternativa do solo-cimento. Este trabalho também foi realizado juntamente com as prefeituras.

A crise das Emarcs começou nos anos de 1990, pois de acordo com Prado e Araújo (2015. p, 79):

No início de 1990, a CEPLAC passou por uma turbulência muito grande. Numa articulação da Direção Geral com o conselho Deliberativo da Instituição, na 69ª Sessão do referido Conselho realizada em 18 de janeiro de 1990, foi aprovada a Proposta de Reforma Programática e Administrativa.

Devido a essa proposta, todas as dificuldades para a Emarc começaram, toda a estrutura organizacional ficou prejudicada. De acordo com Prado e Araújo (2015. p,80) a proposta também extinguiu “o primeiro ano do ensino básico de segundo grau nas escolas técnico-agrícolas da CEPLAC. Além disso, a falta de autonomia e estabilidade financeira só fortaleceram declínio da instituição. As dificuldades eram enormes como diz Prado e Araújo (2015.p,81):

Os recursos financeiros repassados pelo CEDEX somente davam parcamente para suprir as despesas Coscom água, luz, telefone, combustível e gêneros alimentícios. Tentando reduzir as dificuldades estimulou-se bastante o sistema de produção agropecuária e agroindustrial das Escolas, com o trabalho intensivo dos professores, funcionários e alunos. Os produtos produzidos resultantes do processo ensino-aprendizagem e não utilizados no restaurante, eram comercializados através das Cooperativas-Escola dos alunos das EMARCS-COOPERMARCS, que tiveram uma função muito importante neste processo.

As prefeituras ajudaram muito neste momento difícil, elas doavam gêneros alimentícios, davam um apoio financeiro de acordo com a quantidades de alunos que eram daquela cidade. As

empresas regionais privadas foram fundamentais também, pois doavam os materiais que seriam usados nos laboratórios. Vale lembrar que o CEPEC ajudou muito com a doação de animais que seriam abatidos e usados na alimentação dos alunos, além de doar materiais diversos. (PRADO; ARAÚJO, 2015)

Esse foi um momento muito difícil para todos, então a comunidade escolar buscou se unir para tentarem amenizar a situação que estava se tornando pior a cada instante, algumas medidas foram tomadas para buscarem uma solução que resolvesse o problema.

A mobilização de todos foi muito importante, pois mostrou que mesmo com todos os problemas financeiros que a instituição estava passando, a vontade de permanecer ofertando um ensino de qualidade era maior, e com a eficácia de todos poderiam continuar com os trabalhos.

Prado e Araújo (2015) dizem que a comunidade emarquiiana unida foi muito importante, pois juntos elaboraram alguns projetos para receber o apoio do MEC, mas não foram consolidados, pois não havia suporte político e institucional necessário para se concretizar. Muitas lutas e mobilizações aconteceram, até que dois professores da EMARC foram para Brasília se reunirem com o Secretário da Administração Federal, e nesse encontro elaboraram um documento.

Conforme Prado e Araújo, esse documento sugeria que houvesse uma reestruturação organizacional das Escolas, com um plano de cargos e funções. Sendo que desde 1987 não foram contratados mais servidores, e uma quantidade muito grande deles foram afastados por serem transferidos, por aposentadoria e outros motivos, então transferir os professores e servidores administrativos para o Plano Único de Classificação de Cargos e Empregos que acolhia os funcionários das Escolas Agrotécnicas Federais seria uma excelente proposta, mas infelizmente não chegou a ser realizada.

Outra proposta que a Emarc ansiava era se juntar ao MEC na rede de Escolas Agrotécnicas Federais, onde poderiam ter a mesma estrutura e estabilidade financeira, mas essa proposta não teve êxito. E a Emarc continuou na mesma situação, malmente podia fazer era alguns poucos retoques para a Semana do Fazendeiro. Prado e Araújo (2015. p,83) dizem que “um período de exceção a essa rotina, foi por ocasião do estoque regular do cacau, em 97-99. Uma parte da verba do CEDEX foi utilizada para fazer reformas e aquisição de material permanente nas Escolas [...]”

Através da iniciativa dos administradores da CEPLAC um representante dessa secretaria compareceu na Emarc com diretores das Escolas Agrotécnicas do MEC na Bahia onde mostrou-se bastante interessado nesse processo, mas os próprios administradores da Ceplac descartaram a ideia com receio da passagem definitiva das Escolas. (PRADO; ARAÚJO, 2015)

As tentativas de acoplar a Emarc ao MEC continuaram, até que finalmente em 2007 esse ato se torna realidade e a Emarc passou a fazer parte das Escolas Agrotécnicas do MEC. Prado e Araújo dizem que:

Os procedimentos para a transferência enfim foram iniciados. Para agilizar o processo, o Ministro da Educação, Fernando Hadad, enviou para o Ministério da Agricultura expediente “verificando a possibilidade de transferência das Escolas Médias de Agropecuária Regional-EMARCs, atualmente vinculadas a Comissão Executiva do Plano da Lavoura Cacaueira, para a gestão do Ministério de Educação, a fim de que passem a integrar a Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica. O Ministro Reinold Stephanes prontamente concordou e as províncias entre os ministérios foram iniciadas.

Os Institutos Federais nasceram em 2008, através de um decreto presidencial. Os IFs são escolas de modalidade profissionalizante que buscam levar educação de qualidade gratuitamente para todos, sem fazer distinção de classe social.

No entanto, mesmo com todos os problemas enfrentados, a Emarc continuou a realizar os seus trabalhos com o mesmo teor de qualidade de sempre e no período dos anos 2000 acrescentou mais dois cursos: Zootecnia e Turismo e Hotelaria como é possível analisar:

A Emarc, foi uma grande Escola Agrotécnica, que potencializou e capacitou vários jovens para o mercado de trabalho. A mesma ajudou no crescimento econômico regional, pois era muito complicado para os jovens, principalmente os de baixa renda terem a oportunidade de uma formação profissionalizante e gratuitamente como a que era ofertada pela EMARC. Atualmente essa escola ainda é reconhecida com muito louvor pelos moradores das regiões onde ela foi instalada e por quem teve a oportunidade de estudar na mesma. Na tabela abaixo é possível visualizar os dados totais de formações acadêmicas da instituição.

Então depois de muitas lutas e conquistas, em 2010 oficialmente a Emarc se torna Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia Baiano, deixando um legado de modelo a ser seguido

de inovação escolar, onde os discentes não aprendiam somente uma profissão, mas saíam sabendo viver a vida, pois como muitos dizem, ela era uma escola para a vida.

Segundo o Guia de Cursos do IF Baiano (2013), atualmente a instituição leva ensino básico, profissional e superior para seus discentes. Seu objetivo é formar estudantes que possam sair prontos para o mercado de trabalho. O instituto não oferece somente cursos profissionalizantes, mas também a oportunidade de desenvolvimento de trabalhos científicos, pesquisas acadêmicas e atividades de extensão.

Hoje em dia no *Campus* Uruçuca são ofertadas algumas formas de ensino, que atraem tanto a comunidade local, como as externas. Suas modalidades e cursos respectivamente são: **Forma Integrada:** Técnico em Guia de Turismo e Técnico em Informática; **Forma Subsequente:** Técnico em Agrimensura, Técnico em Agropecuária e Técnico em Alimentos; **Superior Tecnológico:** Gestão de Turismo e Agroecologia; **Ensino a Distância:** Técnico em Vendas; **Pós-Graduação:** Educação Científica e Cidadania, Desenvolvimento Local Sustentável, e, Tecnologia de Alimentos.

Mesmo sendo de uma Rede Federal de ensino, o IF Baiano *Campus* Uruçuca ainda é bem semelhante a Emarc em alguns aspectos como: possuir alojamento para os discentes que são de outras cidades, oferecer refeitório, assistência odontológica, apresentar um ensino de qualidade, ofertar cursos que a Emarc oferecia tais como Agropecuária, Alimentos e Agrimensura, que inclusive ainda tem uma demanda de procura muito grande. Além de manter algumas tradições, pois os alunos ainda mantem os batismos e apelidos emarquianos como maneira de interação entre os veteranos e os calouros.

IF baiano *campus* Uruçuca como ponto turístico

O *Campus* Uruçuca possui uma grande extensão territorial, oferece vários cursos, apresenta ser lugar histórico de grande importância e está situado na região onde será a Estrada do Chocolate. Infelizmente, ainda não existe uma estratégia de turismo voltada para o *Campus*, mas se for planejado poderá desenvolver-se no ramo turístico, sendo que o *Campus* oferece dois cursos ligados ao turismo.

Vale lembrar que a maior parte da estrutura física da instituição, ainda contém elementos da Estação Experimental e da EMARC. Esse fato se caracteriza como um ponto positivo para o

turismo histórico, vez que as pessoas poderão conhecer, e quem já conhece, lembrar ou imaginar como a instituição.

Como outro atrativo existe a Matinha, que é uma área de conservação ambiental, onde o instituto pode intensificar a visita de turistas, os quais poderão praticar trilhas guiadas pelos próprios alunos de turismo.

Como sugestão para a sede do museu do *Campus* Uruçuca tem-se uma casa que fica perto do Centro de Tecnologia de Alimentos (CTA) e próximo ao caminho da Matinha. Então os turistas poderão fazer a visita na Matinha, na volta visitar o museu e por fim passar no CTA para conhecê-lo e comprar os produtos que são produzidos naquele lugar.

Além disso, é um espaço bem dividido, onde cada lugar ficará responsável por acomodar uma seção histórica da instituição e seus pertences. Ele poderá ser usado inclusive como laboratório para Guia de Turismo e Gestão de Turismo, pois esses cursos possuem matérias voltadas para a museologia e patrimônios histórico-culturais. Como o *Campus* possui uma grande estrutura histórica, essa casa pode ser a sede do museu, mas também as estruturas mais antigas podem receber visitas como parte integral do museu.

Mas para o funcionamento de um museu é preciso toda uma estrutura administrativa que cuide corretamente do patrimônio. De acordo com Desvallées e Mairesse (2013, p.47)

A gestão museológica compreende essencialmente as tarefas ligadas aos aspectos financeiros (contabilidade, controle de gestão, finanças) e jurídicos do museu, à segurança e manutenção da instituição, à organização da equipe de profissionais do museu, ao marketing, mas também aos processos estratégicos e de planejamento gerais das atividades do museu.

A proposta museológica em questão visa deixar o proposto museu atrativo, com o manuseamento de alguns objetos que não se degradam com facilidade, alguns jogos de teste de memória durante e depois da visita e outros que poderão ser desenvolvidos no processo de atuação do museu.

Metodologia

O trabalho baseia-se na pesquisa descritiva uma vez que nesse tipo de pesquisa “os fatos são observados, registrados, analisados, classificados e interpretados, sem que o pesquisador

interfira sobre eles, ou seja, os fenômenos do mundo físico e humanos são estudados, mas não são manipulados pelo pesquisador” (PRODANOV; FREITAS, 2013)

O método utilizado é indutivo pois segundo Matias (2012, p. 85) “esse método parte do particular e coloca a generalização como um produto posterior do trabalho de coleta de dados particulares” sendo que se for criado um museu no If Baiano *Campus* Uruçuca poderá ser um modelo para outros IF’s e instituições de ensino.

Os procedimentos utilizados para realização da pesquisa foram: 1. Revisão de literatura, através de elaboração de leituras e fichamentos; visita à biblioteca do *Campus* de Uruçuca; consulta eletrônica a sites da área e conversas informais com professores da instituição e, 2. Observação do patrimônio cultural do campus. Sobre o levantamento bibliográfico, destaca-se que: foram usados, 7 (sete) livros, 3 (três) artigos e 1 (um) panfleto, sendo: 1(um) livro, 1 (um) artigo e 1(um) panfleto que contando a história da instituição ao longo do tempo; 2 (dois) livros e 1(um) artigo que fazem a relação entre museus e turismo; 1(um) livro sobre museologia; 1(um) livro que faz menção ao patrimônio histórico e cultural e 1 (um) livro que contém que fala sobre o papel da preservação no turismo, 1 (um) livro e 1 (um) artigo sobre metodologia científica.

Para a definição do acervo que irá formar o museu, a princípio serão observados quais materiais o *Campus* possui e pode disponibilizar. Feito isso, será feito um chamamento para que a comunidade externa disponibilize alguns de seus registros para compor o museu, uma vez que a proposta do trabalho é um ecomuseu, onde a comunidade é a responsável por toda a estrutura que o museu tem. O acervo possivelmente será composto por: Fotos; Documentos; Equipamentos tecnológicos ao longo do tempo; Uniformes e Depoimentos.

Resultados esperados

Espera-se com a instalação de um museu obtenha-se uma maior visibilidade do *Campus*, onde as comunidades possam conhecer a história da instituição, uma vez que ela é muito rica, deseja-se que seja desenvolvido a criação de uma política de turismo para o *campus* pois mesmo tem potencialidade para isso, e que a criação do museu acarrete em um maior número de egressos para o instituto, pois através das visitas, muitos podem se interessar por estudar na instituição.

Referências

CAMARGO, Haroldo Leitão. **Patrimônio Histórico e Cultural**. São Paulo: Aleph, 2002. (Coleção ABC do Turismo).

CASTILHO JUNIOR, José Henrique de. **Museu, um patrimônio do turismo?** Disponível em: www.setur.ufop.br/artigo05.pdf Acesso: 09/04/2017

COSTA, Evanise Pascoa. **Princípios básicos da museologia**. - Curitiba: Coordenação do Sistema Estadual de Museus/ Secretaria de Estado da Cultura, 2006

CHAME, Roberto Rabat. **Uma Instituição Chamada CEPLAC**
Disponível em: www.ceplac.gov.br Acesso: 07/04/2017

DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François. **Conceitos-chave de Museologia**. São Paulo: 2013. Disponível em: www.icom.museum

Guia de Cursos 2013. Disponível em: www.ifbaiano.edu.br

IGNARRA, Luiz Renato. **Fundamentos do Turismo**. 3.ed. rev. e ampl. – São Paulo: Cengage Learnig; Rio de Janeiro: Editora Senac Rio de Janeiro, 2013.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. **Museus e Turismo: Estratégias de Cooperação** – Brasília, DF: IBRAM, 2014. Disponível em: www.museus.gov.br Acesso: 04/04/2017

MATIAS, José Pereira. **Manual de metodologia da pesquisa científica**. -3.ed. –São Paulo: Atlas, 2012

PRADO, Jackson Emanuel Benevides; SANTOS, Jaime Araújo. **EMARC uma experiência educativa inovadora para o desenvolvimento no Sul da Bahia**. Ilhéus, BA: CEPLAC, 2015.

PRODANOV, C. C; FREITAS, E. C. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. Ed Novo Hamburgo/ Rio Grande do Sul: Universidade FEEVALE, 2013. Disponível em: www.mpch.wikispaces.com Acesso: 16/08/2017

VASCONCELLOS, Camilo de Mello. **Turismo e Museus**. São Paulo: Aleph, 2006. (Coleção ABC do Turismo).